DA REFERENCIAÇÃO À MEDIAÇÃO DE LEITURA: UM ESTUDO DE OBRAS DE ZIRALDO

FROM REFERENCE TO MEDIATION OF READING: A STUDY OF ZIRALDO'S BOOKS

Beatriz dos Santos Feres[*]
Júlia Vieira Correia[**]

Resumo: O presente artigo, filiado à Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, tem como objetivo analisar a referenciação em livros ilustrados, pois partimos da hipótese de que o signo verbal, no livro ilustrado, não se destaca nesse processo, conforme parece crer o senso comum. Além disso, apresenta-se a teoria do contrato de leitura, de Emediato, que mostra a necessidade de leitura mediada quando se trata de obras ilustradas, devido à referenciação verbal e visual, principalmente nas obras de Ziraldo. Para isso, serão analisados dez livros de Ziraldo, sendo os principais *Flicts, Meninas, O livro do sim* e *O livro do não*. Como referencial teórico, serão usados trabalhos de Ingredore Koch e Vanda Elias, Beatriz Feres e Margareth Mattos, Mônica Cavalcante, Lorenza Mondada e Danièle Dubois, Maria Resende e finalmente Wander Emediato. Como conclusão, percebeu-se que a referenciação é dupla nesse tipo de livro.
Palavras-chave: Semiolinguística. Referenciação. Mediação de leitura. Livro ilustrado. Ziraldo.

Abstract: This article, affiliated to the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis, aims to analyze the reference in illustrated books, since we start from the hypothesis that the verbal sign, in the illustrated book, does not stand out in this process, like the commom sense believes. In addition, we present the theory of the contract of reading, from Emediato, which shows the need for mediated reading when it comes to illustrated works, due to verbal and visual reference, especially in Ziraldo's. For this, will be analyzed ten books of Ziraldo, being the main *Flicts*, *Meninas*, *O livro do sim* and *O livro do não*. As a theoretical reference, works by Ingredore Koch and Vanda Elias, Beatriz Feres and Margareth Mattos, Mônica Cavalcante, Lorenza Mondada and Danièle Dubois, Maria Resende and finally Wander Emediato will be used. As a conclusion, it was noticed that the reference is double in this type of book.
Keywords: Semiolinguistic. Reference. Mediation of reading. Ilustrated book. Ziraldo.

1 Introdução

Este artigo se vinculou ao projeto de pesquisa intitulado "Da palavra à imagem, da imagem à palavra: referenciação e construção do imaginário sociodiscursivo em livros ilustrados", desenvolvido pela professora orientadora Beatriz Feres, na área de Estudos da Linguagem no período compreendido entre 2015 e 2018, e corresponde à parte da pesquisa de Iniciação Científica realizada pela bolsista Júlia Vieira entre 2017 e 2018.

O intuito deste trabalho é investigar a atuação de elementos verbais e visuais no processo de referenciação com vistas à construção do imaginário sociodiscursivo

[*] Professora de Língua Portuguesa, doutora em Estudos da Linguagem pela UFF, atua na Graduação em Letras, na Especialização em Literatura Infantojuvenil e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade. É autora de Leitura, fruição e ensino com os meninos de Ziraldo (EdUFF, 2011) e coautora, com Rosane Monnerat, de Análises de um mundo significado:a visão semiolinguística do discurso (EdUFF, 2017). Orienta pesquisas de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Seu e-mail de contato: beatrizferes@id.uff.br

[**]Possui graduação em Letras pela UFF e especialização em Educação pelo CPII. Cursa especialização em Língua Portuguesa e mestrado em Estudos de Linguagem pela UFF. É, ainda, bolsista do Programa de Tutoria da graduação em Letras da UFF. Seu e-mail de contato é: vieirajulia@id.uff.br.

partilhado pelos interagentes da troca comunicativa engendrada pela leitura e, em somatória, verificar como isso tudo propicia a necessidade da mediação de leitura. Cabe ressaltar que se considera livro ilustrado a obra composta por uma parcela verbal e outra, visual (constituída por figuras criadas plasticamente); essas parcelas agem de modo complementar, inserindo representações e sentidos interativamente.

Parte-se do pressuposto de que a conjugação desses elementos no contrato comunicativo engendrado por meio de livros ilustrados propicia não só a evocação de imaginários sociodiscursivos orientados ideologicamente, mas, sobretudo, a potencial (re)construção de valores partilhados por um grupo social.

Como base teórica, elege-se, primordialmente, a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, além de conceitos relacionados à Linguística Textual e à referenciação. Espera-se, com essa investigação, contribuir para a delimitação de estratégias de interpretação de textos e, por desdobramento, para a formação de leitores autônomos e críticos.

Excertos das obras *Flicts* (1999)*, Meninas* (2016)*, O livro do sim* (2016) e *O livro do não* (2013), *O menino marrom* (1986), *O menino quadradinho* (1989), *O menino mais bonito do mundo* (1983), *O menino astronauta* (2005), *O menino da lua* (2006) e *O menino da terra* (2010), todos de autoria de Ziraldo, foram explorados nas aplicações teóricas e nas análises.

2 Os processos referenciais

Em primeiro lugar, é preciso explicitar que os processos referenciais só podem existir dentro de um texto. Por isso, é importante entender que esse fenômeno emana do texto como um processo natural.

Na sequência, é necessário explicar e definir o que é a *referenciação*. Seu estudo é recente em relação às demais áreas da linguística, visto que "em 1976 (...) o estudo da referência se estabeleceu definitivamente dentro da Linguística Textual" (CAVALCANTE, 2015, p. 370). Ademais, de modo geral, pode-se afirmar que se trata de uma atividade discursiva. Koch e Elias (2017, p. 123), nesse sentido, propõem:

> Denomina-se ***referenciação*** as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina ***progressão referencial.***

Expandindo essa definição, as mesmas autoras colocam:

> Defende-se, hoje em dia, a posição de que a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na **construção** e **reconstrução de objetos do discurso.** Ou seja, os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simplesmente rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso. (KOCH; ELIAS, 2017, p. 123)

Assim, percebe-se que, quando, nos textos, algo novo é introduzido ou é retomado, há um processo de referenciação, de indicação de um elemento do mundo por meio de um signo. E há uma progressão referencial quando se concretiza um avanço textual no que diz respeito a menções incluídas no texto e suas retomadas para inclusão

de informação nova. Seguindo por essa ótica, é possível destacar, também, a importância da referenciação, pois

> A referenciação pode interessar a diversas áreas do conhecimento porque é um dos critérios mais indispensáveis para a elaboração e interpretação da coerência, e a coerência é a condição fundamental do texto. Impossível não lidar com textos, porque é por meio deles que interagimos, portanto o interesse pelo assunto já é um fato. (CAVALCANTE, 2015 p. 375)

Além disso, é importante afirmar que os objetos do discurso que são introduzidos e retomados são construídos e reconstruídos dentro do texto e a partir do texto – fato que, segundo Cavalcante (2015), é fundamental para a interação, por isso a importância do seu estudo.

Para completar, Mondada e Dubois (2003, p. 48) afirmam existir duas teorias acerca dos estudos da referência. As autoras explicam:

> A questão da "referência" pode ser revisitada por duas linhas argumentativas, que concernem, de um lado, à categorização, graças às pesquisas psicológicas recentes sobre os processos pelos quais os sistemas cognitivos dão uma estabilidade ao mundo, e, de outro, a uma perspectiva linguística interacionista e discursiva que considera os processos de referenciação em termos de construção de objetos de discurso e de negociação de modelos públicos do mundo.

As autoras sugerem, por conseguinte, que a primeira linha argumentativa, referente à categorização, pode ser chamada de referenciação e assim o fazem em seus estudos. Elas colocam: "como diz Rastier, a referenciação não diz respeito a 'uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado' (1994, p. 19)" (2003, p. 20). Isto é, Mondada e Dubois não consideram para a referenciação apenas o texto como produto final estático, mas também outros fatores, e isso engloba perfeitamente o caso dos livros ilustrados.

Em somatória, complementam:

> Esta abordagem [da referenciação] implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito "encarnado", mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias - notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente urna semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos a priori do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20)

Pode-se entender, portanto, que nessa visão das autoras sobre a referenciação está inserido o sujeito e, indiretamente, o contexto, manifestado como os discursos que permeiam as situações de comunicação mundo afora, influenciando o sujeito. Elas colocam ainda que "os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas

CC BY

social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo" (2003, p. 17). Essa abordagem da referenciação se mostra mais plural, semântica, cognitiva e discursiva.

3 A referenciação no livro ilustrado

Visto que "o caráter ímpar dos livros ilustrados como forma de arte baseia-se em combinar dois níveis de comunicação, o visual e o verbal" (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 13), infere-se que a referenciação nesses livros ocorre tanto pela parcela verbal quanto pela parcela visual do texto. Observa-se tal ideia em Feres e Mattos (2017, p. 41) que falam, inclusive, em "dupla referenciação":

> No livro ilustrado, a instauração de objetos de discurso e sua possível retomada realizam-se ora por meio de elementos verbais, ora por meio de elementos imagéticos codificados. A dupla referenciação comprova que o contrato de leitura concernente aos livros ilustrados para criança, além de contar com as competências linguística, enciclopédica, axiológica e praxeológica (EMEDIATO, 2007) do leitor-destinatário, exige igualmente uma competência multimodal (KRESS; LEEWUEN, 2006; SERAFINI, 2010), responsável pelo reconhecimento e significação das formas plásticas na sua relação com a palavra, a fim de validar a interpretação das expressões referenciais que dialogam no texto.

Desse modo, fica claro que, assim como não há dois textos diferentes no livro ilustrado – um visual e outro verbal, pois são duas parcelas textuais que, juntas, formam um único texto –, também não há dois tipos de referenciação, nem somente a referenciação por meio dos elementos verbais. Mais à frente, Feres e Mattos (2017, p. 45) afirmam ainda que "a referenciação (...) seria efetivada, no livro ilustrado, tanto pela parte verbal quanto pela parte visual, rejeitando-se assim a ideia de que, nesse caso, a imagem somente repetiria o que é contado pala palavra".

Feres (2017, p. 91) mostra, também, como a questão do visual é importante e maior do que se imagina:

> Assim como as palavras que, nos textos em que se mostram exclusivas, se apoiam numa visualidade criada pelas descrições e pelas referências à materialidade do mundo, as imagens guardam uma "responsabilidade simbólica" que lhes rouba a ingenuidade de um caráter unicamente figurativo, ou ornamental.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a referenciação verbo-visual não só é muito rica, como é também muito importante para o público-alvo dos livros ilustrados, como mostram Feres e Mattos (2017, p. 46):

> No que tange ao potencial destinatário do livro ilustrado – a criança –, a referenciação verbo-visual garante, de um lado, sua adesão, e, de outro, a apresentação de recortes da realidade (muitas vezes inéditos para ela) e temas difíceis, como os da morte e da separação – o que revela o caráter nada inocente de algumas obras.

Portanto, fica claro que a dupla referenciação é um artifício fundamental para o gênero livro ilustrado, visto que cativa seu público-alvo e que trabalha a visualidade através das descrições, além de apresentar temas de difícil discussão. A respeito das

CC BY

temáticas e dos conhecimentos enciclopédicos exigidos, percebe-se que a leitura mediada é uma possibilidade.

4 O contrato de comunicação

Ao analisar um texto, é imprescindível aplicar o conceito de "contrato de comunicação", que abarca o "contrato de leitura" na semiótica greimasiana. Esse conceito diz respeito, grosso modo, à relação estabelecida entre locutor e locutário ou interlocutor, podendo estes variar.

Emediato (2007, p. 83) destaca os princípios norteadores desse conceito dentro da análise do discurso:

> a) a comunicação funciona como um dispositivo de enunciação; b) esse dispositivo comporta traços da relação comunicativa identificáveis nas figuras de seus enunciadores e destinatários; c) toda enunciação é negociada e objeto de regulação entre as duas instâncias, de produção e de recepção; d) a observância dos parâmetros contratuais mantém a interação e a inobservância deles leva à sua ruptura.

É importante destacar, ainda, a diferença entre "contrato de comunicação" (CC) e "situação potencialmente comunicativa" (SPC). Emediato (2007, p. 84) explica, baseando-se em Ghiglione, que a condição mínima para uma SPC existir é que os interlocutores estejam relacionados devido a interesses, chamados também de *enjeux*. Em seguida, para que essa SPC seja validada e um CC exista efetivamente, algumas regras devem ser seguidas, como regras conversacionais, leis do discurso, saberes compartilhados e outros.

A partir disso, Emediato (2007, p. 85), com base em Ghiglione novamente, destaca a questão das situações de comunicação não interlocutivas, isto é, as situações monolocutivas, nas quais os textos são produzidos anteriormente ao(s) momento(s) de recepção. Nesses casos, não há uma validação imediata nem a alteração do texto de acordo com as reações do(s) receptor(es). Nesse sentido, pode-se classificar o caso dos livros ilustrados como próprios de uma situação monolocutiva.

No entanto, é possível medir a validação do CC *a posteriori*, em alguns casos. Segundo Emediato (2007, p. 85), seguindo Ghiglione, a alternativa para se contornar o problema é "pensar que as situações não interlocutivas supõem uma validação *a priori*, ou seja, elas tratariam as situações potencialmente comunicativas como se fossem, imaginariamente, contratos de comunicação efetivos". Isso dialoga muito com a ideia de ato de linguagem de Charaudeau (2016), de forma que o eu-comunicante também imagina a situação de comunicação.

Assim sendo, pode-se ver que, nos livros ilustrados, ainda que haja uma situação monolocutiva, pois não há interlocução direta, deve-se considerar a questão imaginária do possível interlocutor. Emediato (2007, p. 86) explica bem isso quando coloca que

> Nas situações monolocutivas registra-se uma significativa diferença: o destinatário (leitor) é uma figura imaginária inscrita em filigrana na prática através de índices e marcas que funcionam como traços de inferências abdutivas do processo de produção sobre a instância ideal de recepção. Nesse sentido, a figura imaginária de destinatário atua como instância pré-validante, conforme a imagem desenhada pelo produtor, reagindo apenas por abdução.

CC BY

Em seguida, completa:

> Na interlocução também são feitas inferências abdutivas sobre o alocutário, mas este pode recusá-las no decurso da interação, obrigando o locutor a transformar e refazer o seu discurso. Já o texto produzido na situação monolocutiva não será refeito se o leitor discordar de algum modo de dizer. (EMEDIATO, 2007, p. 86)

Com o livro ilustrado, então, entende-se que no processo de criação foi imaginado um destinatário. Esse destinatário fictício será fundamental para que o processo seja considerado pré-validado no quesito "contrato de comunicação". A respeito desse destinatário e da sua correspondência com o destinatário real, Emediato (2007, p. 86-87) diz que:

> Se nessas situações [monolocutivas] a imagem do destinatário já está inscrita como se correspondesse a uma validação e a uma conformidade, o leitor encontra-se diante de um texto que o interpela identitariamente como "feito para si". Em outras palavras, essas situações impõem ou sugerem ao destinatário assumir certas posições determinadas de leitura. O texto busca assim a conformação do leitor, como uma receita de cozinha se constrói em conformidade com os parâmetros da boa cozinha. Nesse sentido, valoriza-se o princípio de influência nas situações monolocutivas pela sugestão que elas exercem sobre a pré-validação contratual.

Visto que os livros ilustrados operam a partir de situações monolocutivas, pode-se compreender que ocorre esse processo descrito por Emediato. O destinatário imaginado deve equiparar-se ao destinatário real, para existir a conformação do leitor de que fala Emediato. O mesmo ocorre nos atos de linguagem propostos por Charaudeau (2016), em que o tu-destinatário deve – mas pode não – equiparar-se ao tu-interpretante. Tanto os mediadores de leitura – e talvez mais estes –, quanto as próprias crianças tendem a seguir as sugestões de posições de leitura pré-determinadas. Desse modo, ocorre a validação efetiva do contrato.

Há, ainda, outra problemática proposta por Emediato em relação à validação do contrato de leitura ou de comunicação. O autor enumera dois parâmetros: o da esquematização e o da semantização. Este está relacionado aos conhecimentos próprios do leitor e à sua competência axiológica e socioletal, logo, a como ele recebe e problematiza as informações. Aquele, porém, relaciona-se às competências situacional (praxeológica) e linguística do leitor, tratando-se de experiência e expectativa ao receber um texto e interpretá-lo da forma mais adequada.

A partir desses dois fatores fundamentais, Emediato (2007, p. 95) faz a relação com o contrato e sua validação:

> O contrato de leitura efetiva-se, de um lado, quando os parâmetros da situação de leitura são suficientemente claros e reconhecíveis para servir de indicadores de tratamento e, de outro lado, quando o leitor, ao se posicionar, o faz assumindo a atitude de conveniência esperada. Se assim for, projeções da instância de produção sobre a recepção se concretizam. Vale ressaltar, porém, que o leitor pode assumir uma posição correspondente no aspecto praxeológico, ou seja, validar o esquema ou situação de interação (ler um editorial de jornal), mas não assumir a posição esperada quanto ao aspecto semântico ao não

CC BY

> validar os posicionamentos, ou não validar a maneira de falar (o socioleto proposto) ou, ainda, não validar os saberes envolvidos (de crença ou de conhecimento).

Coloca-se, assim, mais uma problematização em relação à validação dos contratos de comunicação. Há dois parâmetros fundamentais que, caso não sejam seguidos, impedem a formalização do contrato. Na leitura dos livros ilustrados, pode ocorrer de o leitor ou o mediador de leitura não assumirem a posição idealizada pelo autor, invalidando o processo. Pode ocorrer, também, de não haver conhecimento enciclopédico suficiente por parte do receptor e a leitura seguir por outros caminhos, impedindo a validação do contrato. Essa segunda hipótese é bastante comum durante a leitura por pequenos de livros ilustrados, pois há diversas referências ao imaginário sociodiscursivo[1], além dos implícitos, e muitos ainda não têm tanta leitura e conhecimento. Nesse âmbito, faz-se extremamente importante a mediação de leitura.

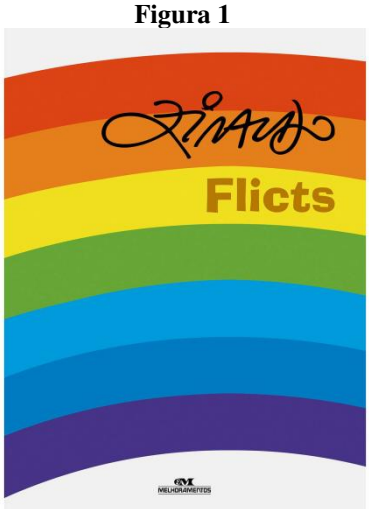
"Pensar no contrato de leitura sugere, portanto, refletir sobre o conceito de conformidade e, de passagem, sobre o conceito de enunciação e interpretação comunitária" (EMEDIATO, 2007, p. 95). É essencial, ao analisar e aplicar o conceito do contrato de comunicação, observar também todos os fatores expostos e as situações de comunicação. No caso específico dos livros ilustrados, há uma situação monolocutiva, em que há uma pré-validação do contrato e, posteriormente, uma possível validação.

Deve-se problematizar, todavia, no caso dos livros selecionados, a questão do receptor. Há o leitor criança, há a possibilidade de um mediador de leitura e pode haver o leitor maduro – que também pode desempenhar a função de mediador. As três figuras podem receber o texto de maneiras divergentes.

5 Análise da referenciação e do contrato de leitura em livros ilustrados

Em *Flicts* (Ziraldo, 1999), é narrada a história de uma cor sem lugar no mundo. Essa cor é inserida no texto através do seu nome "Flicts" no título do livro – recurso verbal – e também através da cor desse título – recurso visual, como mostra a fig. 1.

Figura 1

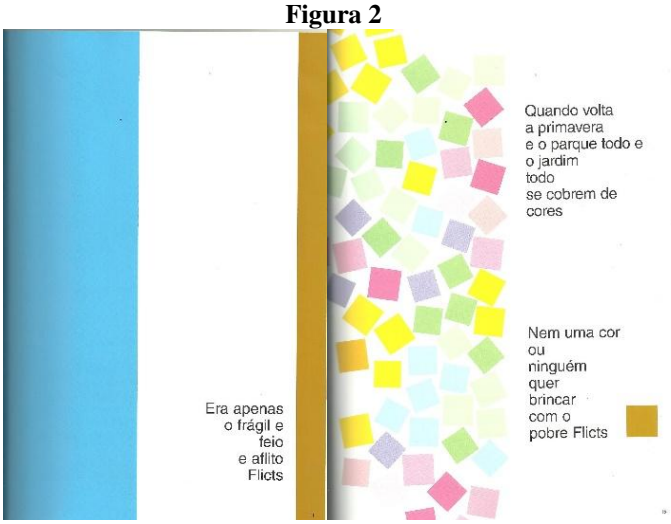


Fonte: ZIRALDO, 2012, capa.

[1] Segundo Charaudeau (2018), os imaginários sociodiscursivos circulam em um espaço de interdiscursividade: "eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais" (CHARAUDEAU, 2018, p. 207).

O processo de retomada se dá, em seguida, na fig. 2, pela aparição da mesma cor novamente, ainda que em disposições visuais e formas geométricas diferentes, pela palavra "cor", por pronomes ou pelo uso de elipses. Dessa forma, esse processo configura-se como de dupla referenciação, visto que é composto pelas duas parcelas.

Figura 2



Fonte: ZIRALDO, 2012, p. 11 e 15.

Outros exemplos ricos são *O livro do sim* (ZIRALDO, 2016) e *O livro do não (*ZIRALDO, 2013), dois livros publicados conjuntamente em 2009 que estabelecem uma estreita relação. Este aborda as proibições, através de frases na maioria das vezes conhecidas, com o advérbio de negação "não" apontando aquilo que os meninos e as meninas não devem fazer. Aquele, contudo, trata daquilo que os meninos e as meninas podem e devem fazer, visto que, como se lê na contracapa da obra, os meninos e as meninas já ouviram demais o que não fazer, então faltava ouvir o que é para fazer. Nesse sentido, para uma atribuição mais rica de significados, a leitura do segundo livro seguida da leitura do primeiro é mais indicada.

Analisando apenas as capas dessas duas obras, pode-se depreender uma relação referencial entre ambas em função da reiteração de elementos, ainda que não se consiga estabelecer, na maior parte da análise, quais elementos se ancoram e quais realizam a ancoragem, pois não houve uma sequência clara de publicação.

Figura 3



Fonte: ZIRALDO, 2013, capa; ZIRALDO, 2016, capa.

Vê-se, nessas duas capas, uma dupla referenciação, isto é, o processo referencial sendo construído pela parcela verbal e pela parcela visual. A expressão "o livro do" se mostra presente em ambas as capas, inclusive com a mesma fonte, estabelecendo verbal e visualmente uma relação direta entre as duas obras.

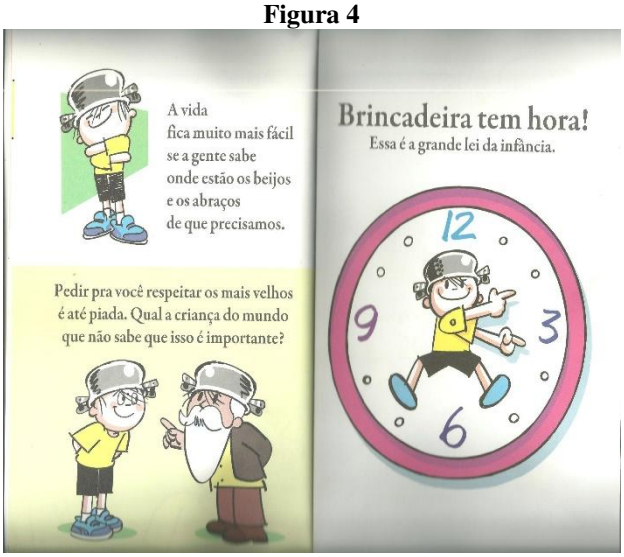
Em seguida, encontram-se os advérbios substantivados "sim" e "não" que, embora sejam semanticamente opostos, estabelecem uma forte relação. Além disso, junto deles, complementando a mensagem e estabelecendo um processo intertextual, há a ilustração do *menino maluquinho* – conhecida de outras obras do autor –, de forma muito semelhante nas duas capas, alternando apenas o gesto da mão: ora positivo, ora negativo, concordando com o advérbio substantivado. Na fig. 3, um menino de expressão alegre usa, como marca identificatória, uma panela enfiada na cabeça à guisa de chapéu, revelando, com isso, seu caráter baderneiro, próprio de uma criança.

Analisando a figura conhecida do menino maluquinho, pode-se afirmar que houve uma ativação ancorada de um novo objeto, porque o personagem já é conhecido do grande público, inclusive a partir do cinema, com o filme *Menino Maluquinho – O filme,* da produtora Grupo Novo de Cinema e TV, com direção de Helvécio Ratton e lançamento em 1995. Essa ativação ancorada se dá visto que há "um tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo" (KOCH; ELIAS, 2017, p. 127), isto é, "menino maluquinho" escrito no topo da imagem, a assinatura de Ziraldo e o fato de serem livros desse autor acionam, no imaginário sociodiscursivo do leitor, o objeto "menino maluquinho".

Observa-se, com essas primeiras análises, que houve uma dupla referenciação. O leitor, ao se deparar com a ilustração do menino maluquinho, reconhece essa forma figurativa e plástica e, assim, atribui-lhe significado. Esse processo, em conjunto com a leitura dos outros elementos e da parcela verbal do texto, caracteriza uma leitura multimodal.

Analisando, também, as obras por completo – que são compostas majoritariamente por "quadros" independentes –, vê-se a presença do personagem principal em quase todos esses quadros. Os processos referenciais, então, se dão mais pela parcela visual, com a forma do personagem. No entanto, é possível encontrar alguns quadros com relação sequencial, trazendo elementos verbais e visuais para estabelecer a referenciação.Em *O livro do sim* (fig. 4), quase não é possível analisar a referenciação na parcela verbal, pois as frases dos quadros são na maioria das vezes independentes, logo não há muita relação nem retomada de elementos nela.

Figura 4



Fonte: ZIRALDO, 2016, p. 12-13.

Já em *O livro do não* (fig. 5), é possível encontrar a repetição do vocábulo "não" em todos os quadros junto à figura do personagem principal "interpretando" os dizeres, ainda que esses quadros sejam independentes entre si. Desse modo, os processos referenciais se mostram predominantemente visuais nessas obras.

Figura 5



Fonte: ZIRALDO, 2013, p. 3.

A partir dessas análises, viu-se a necessidade de investigar a ancoração do objeto de discurso "menino maluquinho". A introdução desse objeto se deu na obra "inaugural" de Ziraldo *O menino maluquinho* ([1980] 1999). Logo, essa introdução é classificada como *não ancorada*, por ter sido a primeira menção ao personagem, pois, ao se ler a expressão nominal, não se ativa nenhuma memória a respeito do personagem, por estar sendo apresentada pela primeira vez.

Na capa dessa obra, observa-se a ilustração de um menino vestindo-se com roupas de adulto, prática comum entre crianças: sapatos sociais escuros, largos em seus pés, e paletó azul, também grande em seu corpo. Além disso, o personagem utiliza uma panela em sua cabeça, posta como um chapéu – detalhe que se tornou sua marca

registrada, pois rapidamente aciona o imaginário sociodiscursivo[2] dos leitores. Por fim, em seu rosto, vê-se um sorriso, trazendo a ideia de um menino feliz que se diverte, e um olhar com uma das sobrancelhas arqueadas, indicando, junto a todos os demais detalhes, um menino esperto e levado.

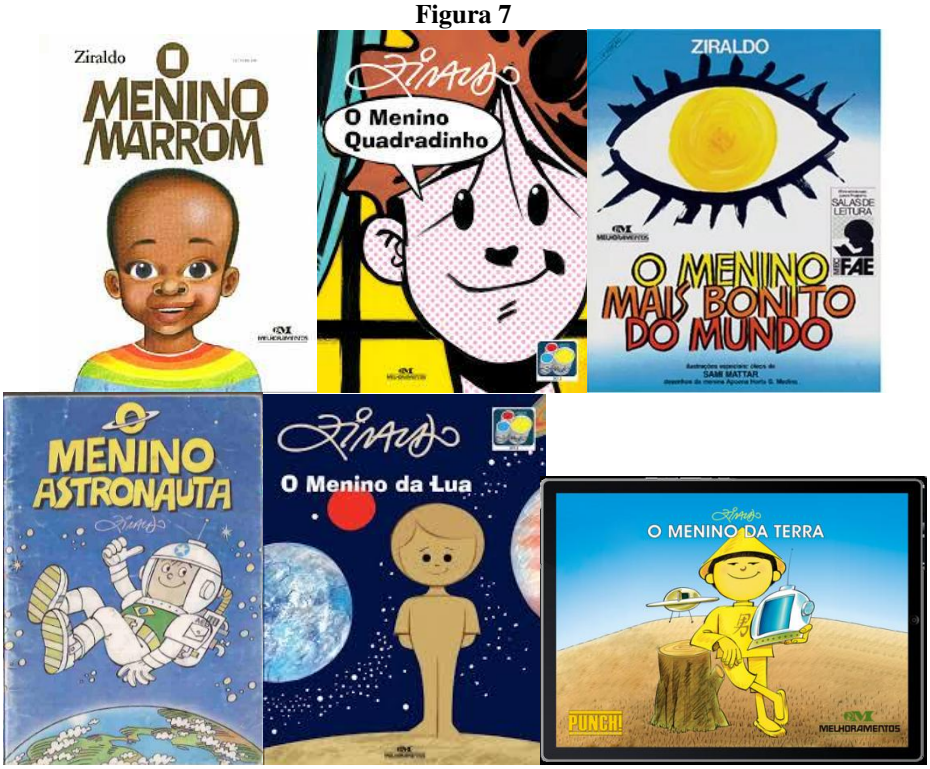
Figura 6



Fonte: ZIRALDO, 1999, capa.

A partir do referente "o menino", inserido nas obras de Ziraldo a partir de *O menino maluquinho* (1980), são encontrados outros livros do autor que estabelecem ativações ancoradas. Dentre eles, foram selecionados 6: *O menino marrom* (1986), *O menino quadradinho* (1989), *O menino mais bonito do mundo* (1983), *O menino astronauta* (2005), *O menino da lua* (2006) e *O menino da terra* (2010).

Figura 7



Fonte: ZIRALDO, 1986, capa; ZIRALDO, 1989, capa; ZIRALDO, 1983, capa; ZIRALDO, 2005, capa; ZIRALDO, 2006a, capa; ZIRALDO, 2006b, capa.

[2] Ver nota 1.

Pode-se perceber que a expressão verbal "o menino" é retomada em todas as capas, estabelecendo o processo de referenciação. Em algumas capas, a fonte também é mantida, isto é, um recurso visual também é utilizado em conjunto com a parcela verbal.

Esse processo de referenciação, porém, não se restringe apenas aos termos gramaticais e visuais. Na literatura de Ziraldo, há uma recorrência e uma tradição que envolvem "o menino". Resende (1988, p. 121) afirma que os meninos das histórias do autor continuam dentro do próprio autor, mesmo que já adulto, pois ele "não se corrompeu pelo dogmatismo da razão, nem perdeu a alegria e o prazer de desfrutar intensamente da grandiosidade das coisas minúsculas". Por isso, segundo a autora, ele tem a capacidade de transformar dados menores em arte. Desse modo, a autora (1988, p. 120) também destaca que Ziraldo "faz o outro ver mais, através da multiplicidade de linguagens". Nesse sentido, pode-se entender essas linguagens como a verbal e a não verbal que, em conjunto, formam o texto rico que é exposto nos livros ilustrados. Por fim, Resende (1988) mostra como o artista apresenta temáticas diferentes e difíceis a partir das histórias de meninos. Assim, percebe-se por que essas obras fazem parte da literatura brasileira e por que têm tanto valor.

Recentemente, o autor e ilustrador publicou o livro *Meninas* (2016), que narra a história de uma menina que, na verdade, representa diversas meninas. Essa "menina", que na realidade são muitas, aparece do início ao fim do livro. Na parcela verbal, é utilizada a palavra menina e outros artifícios da língua portuguesa para estabelecer parte da progressão referencial. Já na parcela visual, cada conjunto de páginas apresenta uma ilustração de uma menina, sendo uma diferente da outra, configurando a outra parcela da progressão referencial.

Figura 8



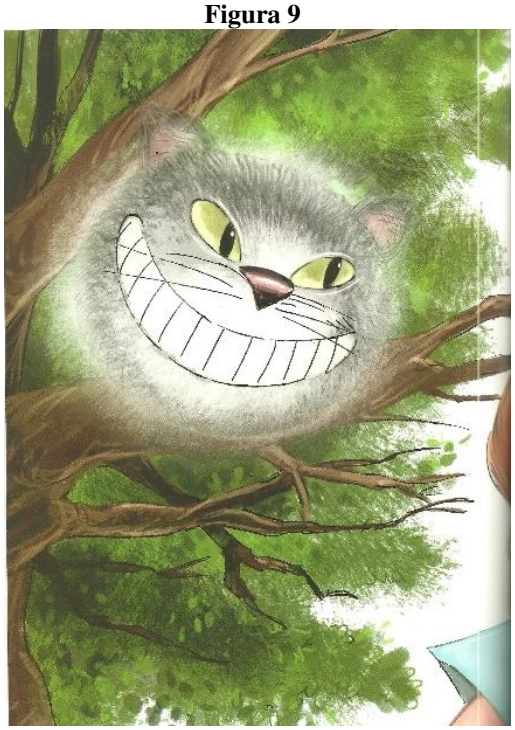
Fonte: ZIRALDO, 2016, p. 21-22.

Na parcela verbal da primeira página da fig. 8, cuja referenciação é verbal e visual, pode-se ler "Menina e seus bichos / vivem no país do Lugar Nenhum, / que não se sabe onde fica / e é a terra do Gato-Que-Ri. / (...) Como vivem os cavalinhos / que o

Gulliver conheceu" (ZIRALDO, 2016, p. 21). Nesse trecho, há claros termos que remetem ao imaginário sociodiscursivo. Desse modo, o contrato de comunicação só é validado quando esses termos são, também, compreendidos na leitura. O locutor, Ziraldo, propõe um texto idealizando um alocutário e formalizando a etapa de pré-validação do contrato. Caso o alocutário não corresponda ao que foi imaginado no momento de produção do texto, o contrato se torna inválido.

Nesse caso específico, é necessário, para que o contrato seja válido, entender: "no país do Lugar Nenhum" como uma referência ao "país das maravilhas", da história de Alice no país das maravilhas; "terra do Gato-Que-Ri" como sendo também o lugar em que o gato da mesma história (exposto na fig. 9 e que muito simboliza) vive; e "Gulliver" como um personagem famoso por suas aventuras. Percebe-se, assim, como é difícil ter um contrato validado sendo a leitura realizada por uma criança pequena ou por alguém com pouco conhecimento enciclopédico. Por isso, a mediação de leitura se faz tão imprescindível.

Figura 9



Fonte: ZIRALDO, 2016, p. 20.

Em *Flicts* (ZIRALDO, 1999), ocorre uma situação similar no momento em que o personagem-cor principal, Flicts, procura alguém para ser seu amigo nas praças, nos jardins, nas ruas, nas esquinas e pergunta: "eu posso ser seu amigo?" (ZIRALDO, 1999, p. 35). Como resposta, na fig. 10, recebe "não" da cor vermelha, "espera" da cor amarela e "vai embora" da cor verde. Não por acaso, ao lado das respostas das três cores que compõem o semáforo, há círculos preenchidos com as cores, fazendo explícita referência ao sinal de trânsito, bem como os dizeres também fazem, já que os comandos das luzes acesas equivalem às respostas dadas.

Figura 10



Fonte: ZIRALDO, 2012, p. 35.

Nesse sentido, percebe-se uma dupla referenciação. No entanto, para que ela atinja os leitores, é preciso que o contrato de comunicação seja validado. Os leitores mais novos, por ainda não terem o conhecimento sobre o funcionamento do semáforo, podem não validar o contrato. Nesse exemplo, torna-se necessária a mediação de leitura para a validação e para o entendimento completo.

Há, nesse exemplo, não só um processo de referenciação verbo-visual, mas também um contrato de comunicação problemático, mais uma vez, visto que o autor e ilustrador produz o texto com um receptor imaginário. Quando a leitura é feita, caso essas referências ao semáforo não sejam compreendidas, tem-se um contrato inválido. Isso ocorre quando o leitor é muito jovem ou quando ele não faz a ligação entre texto e mundo exterior.

Isso pode ocorrer também no trecho em que o personagem "Flicts" corre o mundo em busca de companhia. O imaginário sociodiscursivo deve ser acionado ao se deparar com a parte visual que mostra as representações de bandeiras de quatro países: Brasil, Japão, Índia e Congo. Na parcela verbal, abaixo de cada uma das bandeiras, há: "pelos países mais bonitos", "pelas terras mais distantes", "pelas terras mais antigas" e "pelos países mais jovens".

Figura 11



Fonte: ZIRALDO, 2012, p. 26-29.

Ziraldo, ao produzir essa parte, crê que seu leitor relacionará as imagens aos países – tarefa difícil até para os adultos – e entenderá que o Brasil é um país repleto de belezas naturais, que o Japão é o país mais distante do Brasil, que a Índia é um dos países mais antigos na história e que o Congo, nos anos 60, quando o livro foi publicado pela primeira vez, era um país africano cuja independência tinha sido conquistada recentemente. No entanto, compreender tudo isso se torna algo difícil, principalmente por o livro fazer uma relação temporal com a independência de um país. Assim sendo, o contrato de leitura na maioria das vezes falhará nesse trecho, pois o leitor não corresponderá com o leitor imaginado previamente. Haverá êxito, contudo, com uma leitura mediada por um adulto.

6 Conclusões

A partir desse estudo teórico e dessa análise, pode-se concluir que os livros ilustrados de Ziraldo selecionados para este artigo apresentam uma dupla referenciação, uma vez que o texto é efetivamente composto por duas parcelas - uma verbal e uma visual – que se complementam e participam, cada qual à sua vez, do processo de inserção de objetos de discurso no texto e sua retomada. Observou-se que, em alguns casos, o processo de referenciação se dá mais por elementos da parcela visual, em outros mais pela parcela visual. Também se pode dizer que, no caso das obras

selecionadas, houve a inserção, em 1980, de uma figura plástica conhecida como "menino maluquinho" e, a partir disso, inúmeras retomadas ancoradas nas produções do autor.

Portanto, os processos de referenciação foram analisados não somente dentro de uma mesma obra, mas também entre diversas obras do mesmo autor, pois, ainda que não haja uma sequência entre elas, há a retomada de elementos imersos no imaginário sociodiscursivo dos leitores, sejam esses elementos verbais sejam visuais.

Também foi possível analisar a construção dos contratos de comunicação estabelecidos pelos textos, aplicando teorias que não eram direcionadas aos livros ilustrados. Concluiu-se que, na leitura dessas obras verbo-visuais, os contratos de leitura funcionaram normalmente como em outros textos monolocutivos, tendo os contratos sido, provavelmente, em alguns momentos, validados e, em outros, invalidados. Por isso, também, percebeu-se a importância da mediação de leitura em relação à compreensão total da leitura, devido aos conhecimentos referentes ao imaginário sociodiscursivo.

Referências

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação*: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. ReVEL, vol. 13, n. 25, p. 367-380, 2015.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político.* 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. *Linguagem e discurso*: modos de organização. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EMEDIATO, W. Contrato de leitura, parâmetros e figuras de leitor. In: MARI, H.; FONSECA, M. N. S. *Ensaios sobre leitura 2*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007, p. 83-98.

FERES, B. A encenação descritiva em livros ilustrados para crianças: marcas de um discurso formativo. In: _____; MONNERAT, R. *Análises de um mundo significado*: a visão semiolinguística do discurso. Niterói: EdUFF, 2017, p. 89-112.

_____.; MATTOS, M. S. de. A referenciação verbo-visual no complexo contrato de leitura dos livros ilustrados para crianças e suas visadas nada inocentes. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN* – UFF 2017, p. 41-52.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULIA, A. *Referenciação.* São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NICOLAJEVA, M; SCOTT, C. *Livro ilustrado:* palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RESENDE, V. M. Ziraldo - Poeta Menino Guerreiro. In: *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

ZIRALDO. *Flicts*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

_____. *Meninas*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

_____. *O livro do não*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

_____. *O livro do sim*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

_____. *O menino astronauta.* Rio de Janeiro: Editora MEC*,* 2005.

_____. *O menino da lua.* São Paulo: Melhoramentos, 2006a.

_____. *O menino da terra.* São Paulo: Melhoramentos, 2006b.

_____. *O menino mais bonito do mundo.* São Paulo: Melhoramentos, 1983.

_____. *O menino maluquinho*. 92 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

_____. *O menino marrom*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. *O menino quadradinho.* São Paulo: Melhoramentos, 1989.

Recebido em 18 de julho de 2019

Aceito em 23 de outubro de 2019